

PENTECOSTALISMO: O SUSPIRO DOS OPRIMIDOS

A Fé que Transforma e Empodera as Margens da Sociedade

Maxwell Teixeira
Prof. Jonathan Salgado

Resumo: Este trabalho busca investigar a ascensão do pentecostalismo entre as camadas marginalizadas da sociedade brasileira, destacando a importância e a relevância desta corrente religiosa. O estudo examina o contexto histórico e social que moldou a religião no Brasil, desde a chegada dos missionários católicos até o crescimento do protestantismo, particularmente o pentecostalismo, observado a partir do Censo de 2010. Além disso, analisa as barreiras enfrentadas pelas populações menos favorecidas ao acessar as igrejas históricas e como o pentecostalismo superou essas dificuldades ao oferecer uma mensagem de esperança. A hermenêutica pentecostal, que enfatiza a experiência espiritual e a interpretação das Escrituras pelo Espírito Santo, é explorada como uma abordagem teológica distintiva que contrasta com perspectivas mais racionalistas. Conclui-se que a valorização da experiência pessoal e da conexão direta com o divino enriquece a compreensão teológica, proporcionando uma fé autêntica e transformadora para os crentes.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Barreiras religiosas. Hermenêutica Pentecostal

Abstract: This work seeks to investigate the rise of Pentecostalism among the marginalized strata of Brazilian society, highlighting the importance and relevance of this religious movement. The study examines the historical and social context that shaped religion in Brazil, from the arrival of Catholic missionaries to the growth of Protestantism, particularly Pentecostalism, as observed from the 2010 Census. Additionally, it analyzes the barriers faced by the underprivileged populations in accessing historical churches and how Pentecostalism overcame these difficulties by offering a message of hope. Pentecostal hermeneutics, which emphasizes spiritual experience and the interpretation of Scriptures through the Holy Spirit, is explored as a distinctive theological approach that contrasts with more rationalist perspectives. The conclusion is that the emphasis on personal experience and direct connection with the divine enriches theological understanding, providing believers with an authentic and transformative faith.

Key-words: Pentecostalism. Religious barriers. Pentecostal hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de se relacionar com o Sagrado é a característica mais atemporal e generalista que possui o ser humano. O relacionamento com o Sagrado motiva a busca por conhecimento, experiências e crenças que proporcionam significado para a vida.

Por se tratar de um ser relacional, logo o homem é constituído por todas as conexões que estabelece. Assim, as culturas, grupos e povos são frutos desses vínculos. Estas relações são influenciadas por diversos fatores, como o meio social, cultural, histórico, geográfico, econômico, entre outros. Desta forma, são, produtos de um meio que se modifica e se adapta ao longo do tempo. Cada vez que esse elo é aprofundado, o ser humano percebe sua limitação, criando então sua busca por completude, por algo que lhe dê sentido (CROATTO, 2009, p. 40).

No Brasil, a presença da linguagem religiosa remonta aos primórdios de sua colonização. A chegada dos missionários franciscanos em 1538¹, integrantes da expedição liderada por Pedro Álvares Cabral, marcou o início de uma era de evangelização no território brasileiro. Sob a liderança do padre Manoel da Nóbrega, esses missionários empreenderam esforços para converter os povos indígenas ao catolicismo, realizando cerimônias religiosas como missas e batismos durante sua permanência no país.

Durante muito tempo, o catolicismo tornou-se a religião mais influente do país, inclusive foi um dos pilares da Monarquia como a religião oficial do Estado brasileiro de acordo com a Constituição de 1824 (GANEM, 2008). Entretanto, podemos observar uma mudança no campo religioso brasileiro com o declínio do catolicismo e a crescente do protestantismo segundo o censo demográfico de 2010 produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 1990, de acordo com o censo oficial do governo, as igrejas evangélicas contavam com 9% da população. Em 2010 eram 22,2% da população, sendo, 25,4 milhões das igrejas pentecostais (13,5% da população).²

A partir do Censo de 2010, é perceptível uma marcante transformação no cenário religioso brasileiro, caracterizada pelo declínio do catolicismo e pelo crescimento substancial

¹ Esse contexto histórico deve ser compreendido à luz dos acontecimentos da Reforma Protestante na Europa Ocidental e da Contrarreforma da Igreja Católica, ambas influenciando as dinâmicas religiosas e políticas da época. Enquanto as Reformas Religiosas geraram um questionamento dos dogmas e do papel da Igreja Católica na sociedade europeia, a Contrarreforma, por sua vez, impulsionou ações missionárias.

² CARDOSO, André; MIRANDA, Fábio. *O crescimento pentecostal e os desafios para o campo popular*. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-crescimento-pentecostal-e-os-desafios-para-o-campo-popular/> Acesso em: 02/09/2023

do pentecostalismo. Entre as décadas de 1980 e 2010, houve uma significativa redução da proporção de católicos na população, enquanto os números dos protestantes, particularmente os pentecostais, aumentaram consideravelmente.

Por esta razão, este estudo tem como objetivo investigar alguns motivos que levam o pentecostalismo a se destacar como a escolha religiosa preponderante entre as camadas marginalizadas da sociedade brasileira, além de analisar os métodos empregados por esse grupo para acessar as Escrituras Sagradas, explorando assim, alguns dos pressupostos da hermenêutica pentecostal.

2 PROTESTANTISMO

A Reforma Protestante foi um movimento religioso, político e social que surgiu como uma reação contra a autoridade absoluta da Igreja Católica Romana. O movimento foi liderado por religiosos, como Martinho Lutero, Thomas Müntzer, João Calvino, Ulrico Zwinglio e John Knox, que rejeitaram a soberania da Igreja Católica e ensinavam uma forma mais direta de relacionamento com Deus. Estes dirigentes proclamaram que a salvação é alcançada através da fé. Além de reafirmar a autoridade direta da Bíblia, a Reforma Protestante também enfatizava a importância da educação, a ética protestante na economia e a necessidade de reformas sociais.

Assim, abriu-se o caminho para o surgimento das igrejas luteranas, reformadas (presbiterianas, congregacionais), batistas, metodistas e episcopal-anglicanas que, logo, se espalharam pelo mundo. Este grupo em diversos estudos são considerados como “igrejas evangélicas históricas” (CUNHA, 2022, p.14).

Para Ryrie (RYRIE, 2017 apud SPYER, 2020, p.45), o protestantismo é muito mais do que uma religião ou uma ideologia. Ele acredita que o protestantismo é, na verdade, um estilo de vida que promove o enamoramento com Deus e incentiva um sentimento de liberdade de expressão. O protestantismo é, assim, uma forma de resistência contra as estruturas hierarquizadas da sociedade, já que incentiva a construção de comunidades alternativas que não se limitam às instituições religiosas e às hierarquias sociais.

Ele afirma ainda que, o protestantismo é uma forma de religiosidade centrada na experiência pessoal de Deus, que incentiva o questionamento das autoridades religiosas e sociais e a busca por novas formas de viver. Ele promove a autonomia, pois acredita que cada

pessoa tem liberdade de ter seu relacionamento com Deus sem burocratizar e intelectualizar a relação com o divino através de líderes religiosos ou instituições.³

Souza (2013) nos lembra que do quinto século até a Reforma Protestante, a institucionalização da igreja tornava as manifestações carismáticas praticamente extintas. De acordo com Weber (2004), os arranjos religiosos com influência cultural romana incorporaram práticas que eram racionais e adequadas às necessidades da época. Estas práticas incluíam a disciplina, o autocontrole, a organização interna, a estabilidade, a hierarquia e a responsabilidade. Estas práticas contribuíram para a criação de uma base para o desenvolvimento de técnicas de salvação para o Ocidente, que ajudaram a criar um sistema de crenças que se tornou cada vez mais racional. Além disso, essas práticas foram baseadas na lógica e nos princípios da razão, que foram desenvolvidos e reforçados pela cultura romana.

Max Weber traz um importante apontamento para o que ele chama de *desencantamento do mundo* (PIERUCCI, 2003, p. 7). Weber argumenta que esta racionalização cria uma nova ordem social, que é altamente individualizada, impessoal e instrumental. Ele acredita que com o avanço da racionalização, o homem se afasta da religião e das crenças tradicionais, optando por uma ética baseada na razão e na lógica. Ele também argumenta que a racionalização cria uma nova forma de governo, baseada no controle burocrático e na eficiência, em vez da hierarquia e da autoridade tradicional.

Por conta disso, a Reforma Luterana teve forte influência sobre todos os outros movimentos protestantes, ao estabelecer uma tendência de hierarquização, controle institucional e estudo sistematizado. Esta tendência se manifestou tanto na estruturação de hierarquias eclesiásticas, como na organização de documentos oficiais, como as Confissões de Fé, que serviram de base para o ensino doutrinário.

Nesse contexto, surgiu a necessidade de um movimento que não apenas buscasse resgatar a experiência espiritual e o enamoramento com Deus, mas também se opusesse às formas anteriores de protestantismo, consideradas institucionalizadas e distantes da proximidade com o divino. Cox (1995), fala sobre o pentecostalismo ser esse poderoso e espiritual movimento o preenchimento do déficit extático do Ocidente moderno.

³ O teólogo brasileiro Rubem Alves, em *Protestantismo e Repreensão* (1979), contrasta a visão de Ryle, examinando como certos aspectos do protestantismo, como a disciplina e a ênfase na moralidade, podem levar à repressão psicológica e social, limitando a liberdade individual e o desenvolvimento pessoal. Ele destaca como a rigidez doutrinária e o controle social podem resultar em pressão psicológica, levando à autorrepressão e à culpa.

2.1 Pentecostalismo

A partir da Reforma Protestante surgiram diferentes correntes do protestantismo, cada uma com suas características e enfoques distintos. Essa diversidade de movimentos se deu em busca de uma experiência espiritual mais íntima e autêntica, rompendo com as formas institucionalizadas e distantes da Igreja Católica.

Dentre essas correntes, destaca-se o Pentecostalismo. O termo "pentecostalismo" é utilizado para descrever o evento bíblico que ocorreu logo após a ascensão de Jesus Cristo aos céus, no qual o Espírito Santo desceu à Terra (At. 1: 6-11, Bíblia). O dia de Pentecostes, uma festividade judaica que ocorria após a colheita, tornou-se marcante pelo episódio em que as pessoas presentes passaram a se expressar em línguas espirituais, fenômeno conhecido como glossolalia (At. 2:1-13, Bíblia).

O Pentecostalismo é um movimento multifacetado, sendo o mais apropriado referir-se a ele como "Pentecostalismos". Sua origem moderna é muitas vezes atribuída ao Bethel Bible College, liderado por Charles Fox Parham, onde, em 1º de janeiro de 1901, ocorreu um evento marcante: após reuniões de leitura da Bíblia e orações, Agnes Ozman e outros alunos experimentaram o falar em línguas, um fenômeno interpretado por alguns como xenolalia, incluindo a suposta fala em chinês por parte de Agnes.

Ao abordar a história do pentecostalismo, torna-se fundamental fazer menção a William Seymour e ao avivamento da Rua Azusa. Cinco anos após os acontecimentos no Bethel College, Seymour surgiu em um contexto americano profundamente marcado pelo racismo, no qual os negros enfrentavam perseguição e subjugação. Apesar dessas adversidades, ele congregou uma assembleia diversificada, composta por negros e brancos, homens e mulheres de todas as origens, na Califórnia.

Esse movimento não apenas proporcionou experiências extáticas, mas também representou um testemunho profético de inclusão e serviço aos marginalizados, especialmente em um período de intensas tensões raciais e socioeconômicas. Além disso, enfatizou a importância da igualdade de gênero na liderança religiosa, desafiando as normas estabelecidas da época.

Portanto, o pentecostalismo surge desde suas origens como um movimento que busca inclusão das classes menos favorecidas, concedendo-lhes liberdade de expressão religiosa. Esta característica é analisada por Galindo (1995), explicando que

a novidade dessa doutrina era que a santidade não consistia na prática da caridade cristã, como na espiritualidade de Wesley, mas na presença do Espírito Santo. Era uma doutrina altamente atraente para aquela gente pobre e “ignorante”, porque se pregava a possibilidade de um poder esmagador e instantâneo.”

Ao tratarmos do Brasil, o sociólogo Paul Freston (1994),⁴ por exemplo, propõe uma divisão em “três ondas”. A primeira onda, ocorrida entre 1910 e 1950, marcou a chegada da Congregação Cristã no Brasil (CCB) no início de 1910, e da Assembleia de Deus (AD) em 1911, fundada por Daniel Berg, Gunnar e Frida Vingren. Durante aproximadamente quatro décadas, essas duas igrejas dominaram o cenário religioso brasileiro, com pouca concorrência das demais denominações pentecostais.

A segunda onda pentecostal, compreendida entre as décadas de 1950 e 1960, foi marcada por um período de fragmentação, no qual surgiram novas igrejas, como a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) em 1951, a igreja O Brasil para Cristo em 1955 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) em 1962.

A terceira onda teve início no final da década de 1970 e ganhou força nos anos 1980. Nessa fase, destacam-se a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), estabelecida em 1980. Essas denominações trouxeram uma abordagem renovada ao pentecostalismo, enfatizando a inserção social e dando origem a um novo termo para descrever seu estilo de vida e práticas, conhecido como neopentecostalismo.

3 AFINAL, POR QUE O PENTECOSTALISMO?

Ainda que perante um país marcado por profundas disparidades sociais, onde vastos segmentos da população vivenciam condições de extrema pobreza e desigualdade, surge uma intrigante dinâmica de busca pelo Sagrado. Mesmo diante das adversidades socioeconômicas, é observado que muitas pessoas optam por trilhar caminhos espirituais, buscando consolo, esperança e significado para suas vidas por meio da religião.

Para critérios de classificação, são usados os valores definidos pelo Banco Mundial para definição de pobreza (famílias com rendimento diário de até US\$ 6,85 por pessoa) e extrema

⁴ É relevante destacar que, dada a complexidade desse fenômeno religioso, outros estudiosos também exploraram diferentes perspectivas e abordagens para compreender sua evolução e influência no contexto brasileiro.

pobreza (rendimento diário de até US\$ 2,15 por pessoa). Com a conversão de acordo com critérios da Paridade do Poder de Compra (PPC), chegou-se aos valores de R\$ 664,02 e R\$ 208,42 por mês, respectivamente. Segundo os dados apontados pelo IJSN, 27,5% das pessoas do Brasil estavam abaixo da linha de pobreza em 2023.⁵

Ao longo do tempo, podemos observar algumas barreiras que impediam as pessoas menos favorecidas socialmente a frequentarem igrejas históricas. Em 11 de junho de 1858, o missionário escocês Robert Reid Kalley (1809 – 1888) batizou o primeiro brasileiro, chamado Pedro Nolasco de Andrade. Nolasco era um homem de grande influência e esse fato causou um grande alvoroço na sociedade brasileira, trazendo perseguição aos protestantes, fato que fez com que Kalley se aproximasse de grandes juristas da época e também do imperador (OLIVEIRA, 2015, p.52).

A escolha de Reid, por outro lado, destacou-se por sua influência direta na mobilização de outros missionários para o Brasil, orientados pelas igrejas históricas, com um foco específico nas classes mais elitizadas. Essa diretriz visava estabelecer colaboração em face da resistência das autoridades brasileiras em relação a outras denominações religiosas além da Católica Apostólica Romana.

No entanto, é importante considerar que essa abordagem enfrentou desafios significativos, como a barreira da língua e a liturgia de culto com poucos elementos de brasilidade, o que limitava a capacidade de participação e aceitação dessas práticas religiosas entre as camadas menos privilegiadas. Outro ponto de reflexão é que muitos missionários oriundos do sul dos Estados Unidos não tinham problemas de pregar o evangelho em um país escravocrata.

Por sua vez, a mensagem difundida pelo pentecostalismo encontrou ressonância entre as classes mais humildes, em virtude de sua abordagem na interpretação das Escrituras Sagradas, que proporcionava uma perspectiva de esperança em meio às adversidades enfrentadas por esses grupos sociais. É exatamente essa fé que torna para muitos o pentecostalismo o “suspiro dos oprimidos”.

Rubem Alves contribui para uma abordagem compreensiva da religião como um fenômeno criativo, que permite a libertação das restrições sociais e direciona o indivíduo em direção ao transcendental. Ele enfatiza a importância da religião como uma dimensão essencial

⁵ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/24/pobreza-e-extrema-pobreza-atingem-menores-patamares-no-brasil-desde-2012-diz-estudo> . Acesso em: 04/04/24

da experiência humana, capaz de oferecer um espaço para a busca de sentido e para a conexão com algo maior do que a realidade cotidiana. Nesse sentido, Alves destaca que “realiza-se, então, na liturgia da imaginação, a mais alta pretensão mágica da consciência: a criação de um mundo à imagem e semelhança do homem” (ALVES, 2007, p. 52).

4 POR UMA HERMENÊUTICA PENTECOSTAL

A forma de interpretar os textos pode variar de acordo com diferentes grupos sociais, seus pressupostos e abordagens. É o que explica Grant Osbourne (2009),

Cada comunidade fornece suas tradições que, por sua vez, orientam o leitor na compreensão de um texto. São elas que produzem o significado. Esse ‘significado’ não é o mesmo para todas as comunidades, de modo que, na realidade, qualquer passagem pode ter múltiplos significados, e cada um deles é válido para uma determinada perspectiva de leitura ou comunidade.

É por isso que encontramos, por exemplo, a "hermenêutica reformada", a "hermenêutica judaica" e a "hermenêutica pentecostal". Cada uma dessas abordagens reflete perspectivas e conjuntos de conhecimentos que moldam e dão vida à forma como as Escrituras, o mundo e até mesmo Deus são interpretados.

A compreensão do fenômeno do crescimento do pentecostalismo e sua escolha pelos marginalizados socialmente requer uma análise cuidadosa da forma que os pentecostais tem acesso e interpretação do texto Sagrado. A hermenêutica pentecostal é uma abordagem desenvolvida no contexto do movimento pentecostal, e ao falarmos desta hermenêutica específica e seu conceito, precisamos entender que não estamos tratando propriamente das técnicas de análises textuais, linguísticas, filosóficas ou históricas. O foco deve ser o entendimento hermenêutico dentro da tradição carismática (SIQUEIRA; TERRA, 2019, p. 40).

É preciso ter o entendimento de que não há interpretações “a partir do nada”. Conforme a própria Escritura Sagrada nos aponta em Eclesiastes 1:9, “que nada há de novo debaixo do sol.” Durante a história, a hermenêutica pentecostal desenvolveu-se e testemunhou diversas fases de métodos e formas de aproximação textual, tornando assim, a hermenêutica pentecostal uma leitura plural (OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 34).

Em primeiro lugar, é fundamental compreender o significado da Hermenêutica. Podemos descrevê-la como um campo da filosofia que se dedica ao estudo da interpretação de textos. Trata-se, portanto, de uma "teoria da interpretação" que examina o processo interpretativo, questiona os pressupostos dos diversos métodos e, como parte dessa discussão,

explora as possibilidades interpretativas e as limitações dos referenciais metodológicos utilizados, além de avaliar os fundamentos de cada abordagem de leitura.

A interpretação é uma ação intrínseca à vida do homem, pois estamos constantemente tentando compreender o mundo ao nosso redor e dar sentido às experiências que vivemos. Desde a infância, aprendemos a interpretar gestos, palavras e emoções das pessoas ao nosso redor, e essa habilidade de interpretar e compreender o mundo nos acompanha ao longo de toda a vida.

Ao abordarmos os processos hermenêuticos ao longo da história, é crucial considerar pelo menos três horizontes: *intentio auctoris*, *intentio operis* e *intentio lectoris*. Inicialmente, há uma ênfase na intenção do autor, buscando a possibilidade de descrever o que se passou na mente do criador, concebendo, assim, o texto como uma "porta" para a intenção original do autor.

Contudo, uma das críticas à *intentio auctoris* argumenta que, para alcançar a intenção original do autor, seria imperativo anular a vivência, tradição e história do leitor. Esse ponto se torna particularmente problemático para o pentecostalismo.

Quando nos deparamos com um texto no contexto pentecostal, sua relevância não se limita à sua intenção histórica, mas se estende à sua capacidade de dialogar com o presente. Nesse sentido, a relação entre o Espírito-Escritura-Comunidade, conforme delineada por Arrington (1988), é bastante relevante. O conceito de "iluminação pneumática", apresentado à luz do Concílio de Jerusalém descrito em Atos 15, sugere que a experiência do Espírito na comunidade pode trazer esclarecimento ao texto sagrado.

Ao analisar a hermenêutica pentecostal, torna-se pertinente questionar quais metodologias e referências teóricas são mais apropriadas para acessar o texto bíblico.

Como já dito, as abordagens baseadas na busca pela intenção do autor não são as mais adequadas no contexto de uma leitura carismática. Nesse sentido, surge a necessidade de métodos como a Estética da Recepção, da Semiótica e da Narratologia que fornecem insights valiosos na interpretação do texto.

A estética da recepção emerge como uma ferramenta essencial para a compreensão da prática de leitura pentecostal. Para Filho (2012, p. 167),

A estética da recepção é um esforço interpretativo sobre a leitura e as relações estabelecidas entre texto, autor e leitor. As materialidades significativas são entendidas como um complexo que tem sentido a partir da relação dialética instaurada

entre o autor, a obra e seus possíveis leitores. Toda atividade interpretativa se constitui mediante o processo de interação entre a subjetividade do leitor e as condições sócio-históricas na qual determinado signo se originou.

5. A NARRATOLOGIA PENTECOSTAL

O pentecostalismo oferece uma contribuição significativa para as discussões hermenêuticas contemporâneas ao destacar a importância da Narrativa na construção doutrinária. Entende-se que a Narrativa vai além da mera descrição de fatos, assumindo um papel fundamental na interpretação e transmissão de significados. O pentecostal, ainda que de maneira intuitiva, incorpora a narrativa em sua abordagem hermenêutica, pois reconhece sua própria identidade dentro da narrativa bíblica.

Conforme explica Magno “a Sagrada Escritura cresce com quem lê”⁶, e é exatamente isso que faz o pentecostal, uma vez que ao ler, o pentecostal não apenas adquire conhecimento teológico, mas também se identifica pessoalmente com as figuras do texto.

Essa identificação é alimentada pela percepção de que esses personagens enfrentaram desafios semelhantes aos enfrentados pelo pentecostal contemporâneo, incluindo perseguições, lutas, milagres e intervenções divinas. Assim, a leitura da Bíblia não apenas fortalece a fé do pentecostal, mas também fortalece seu senso de pertencimento à narrativa bíblica, proporcionando um empoderamento espiritual e um renovado ânimo para enfrentar os desafios da vida cristã.

Esse senso de pertencimento diante do texto é característico desde o evento do Pentecostes, pois vemos Pedro cheio do Espírito Santo relembrando o que o profeta Joel havia profetizado anteriormente (At 2:16, Bíblia). Dessa forma, Pedro não está somente falando do cumprimento desta profecia, mas se vendo como parte do relato.

6. O FUNDAMENTALISMO PENTECOSTAL

Nas palavras de Anéas (2022),

o pentecostalismo, envolvendo as camadas menos privilegiadas economicamente e periféricas, sempre foi alvo de críticas dos grupos protestantes supostamente mais intelectualizados e minoritários. “Emocionalismo”, “falta de estudo”, “ignorantes” e “heresia” são alguns dos termos utilizados para descrever os pentecostais pela “elite” evangelical histórica.

⁶ GREGÓRIO Magno, *Homiliae in Ezechielem*, I, IV, 8: PL 76, 843D.

No entanto, é importante lembrar que a hermenêutica pentecostal não é menos valiosa do que outras abordagens interpretativas dentro do espectro evangelical. Os pentecostais reconhecem a autoridade e a importância da Bíblia e buscam interpretá-la fielmente. Isso significa que a Bíblia é vista como a palavra de Deus, infalível e inerrante em sua mensagem, e deve ser o guia definitivo para a compreensão da vontade de Deus e da fé cristã.

Neste processo interpretativo, a abordagem pentecostal assume uma postura de literalidade na exegese das Escrituras, conferindo um aspecto fundamentalista à sua interpretação. É importante ressaltar que,

O movimento(fundamentalista) surgiu como reação a importantes tendências do século XIX: o evolucionismo darwinista, a física moderna e a crítica superior da Bíblia (a crítica literária e histórica dos textos bíblicos). O pano de fundo que ocasionou o nascimento do movimento fundamentalista foi o afastamento da explicação religiosa da origem da vida e dos fenômenos naturais e os estudos históricos da Bíblia iniciados na Teologia alemã. Todos eles tinham em comum a rejeição da revelação como verdade atemporal e incontestável. (SOUSA, 2020, p. 81)

Nesse contexto, durante o período entre 1909 e 1915, uma série de volumes foi lançada sob o título "*The Fundamentals: A Testimony to the Truth*" (Os Fundamentos: Um Testemunho para a Verdade). Essa coleção em particular desempenhou um papel essencial na caracterização do movimento como fundamentalista, buscando estabelecer os princípios fundamentais da fé cristã.

São seus pontos principais: a inspiração e a inerrância da Bíblia; a Trindade; o nascimento virginal de Cristo; a queda do homem e o pecado original; a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens; a ressurreição corporal e ascensão; o retorno pré-milenar de Cristo; a salvação pela fé e o novo nascimento; o juízo final.

7. VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA E CRÍTICA AO RACIONALISMO

No pentecostalismo, o elemento de "sentir Deus" assume um papel holístico, pois permeia todos os aspectos da vida da pessoa. Desse modo, é essencial não negligenciarmos a valorização da experiência.

No êxtase pentecostal, emerge uma dinâmica que aparenta contrapor-se ao racionalismo. Entretanto, essa aparente dicotomia suscita uma indagação: seria a experiência adversária da razão? Cremos que não! É necessário, em primeiro lugar, sair de uma ideia

equivocada do conceito de razão, uma vez que é comum confundir razão com racionalismo, este último representa um legado da modernidade, onde o conhecimento legitimado era unicamente aquele obtido através de uma razão instrumental.

Dessa forma, compreende-se que a concepção de realidade era filtrada de tal maneira que a inclusão do corpo, experiências pessoais e emoções era vista como um obstáculo à objetividade; assim, a supressão das emoções era considerada como uma via para a assertividade do conhecimento.

Contudo, essa perspectiva de racionalidade não é a única válida; outras formas de racionalidade reconhecem a importância das emoções, memórias e corporeidade no processo de conhecimento.

Portanto, rejeitar as emoções como legítimas no processo de construção do conhecimento é, na verdade, optar por uma única forma de racionalidade, alinhada ao racionalismo estrito. Sendo assim, a crítica do pentecostalismo não é contra a razão em si, mas contra o racionalismo fechado.

A resposta do pentecostal ao racionalismo está na valorização de sua experiência com o Sagrado. A questão não é ser contrário à razão humana, mas direciona sua crítica ao racionalismo fechado. Sendo dessa forma,

os pentecostais não limitam a verdade ao reino da razão. Para eles, o espectro do conhecimento inclui cognição, afeto e comportamento, cada um dos quais é fundido aos outros dois. Assim, os pentecostais estão preocupados com ortopatia e ortopraxia, bem como ortodoxia. Fé, prática e sentimento devem ser trabalhados em conjunto com as afeições que servem como centro integrador. (JOHNS, 1995, p.89)

Se por um lado na hermenêutica pentecostal identificamos um apelo ao fundamentalismo, sabemos que,

a partir então dessa centralidade cristológica que é apresentado um paráclito (auxiliador) na missão desse Cristo: o Espírito Santo como pessoa e ativamente presente no crente e na Igreja[...] O Espírito Santo anima, alegra, exorta, consola, distribui dons, convence, entre outras atribuições. Se no início a centralidade pareceu estar no Cristo, ao final o Espírito assume o protagonismo, pois seria Ele o agente principal e ativador de todo projeto divino. (OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 31)

Dessa forma, na perspectiva pentecostal, o Espírito Santo desempenha um papel fundamental ao possibilitar uma "reexperiência" da Palavra de Deus, que não visa diminuir sua autoridade, mas sim complementá-la como uma fonte enriquecedora de interpretação. Marius

Nel (2015, p.3) afirma que

O movimento Pentecostal crê que o Espírito manifestou-se a si mesmo novamente com a glossolalia, profecia, milagres de curas e outros sinais que surgem contemporaneamente. Eles agora leem a Bíblia a fim de compreenderem a si mesmos.

No pentecostalismo, a corporalidade assume uma significativa representatividade como elemento central do culto, evidenciada através de práticas como mãos levantadas, pulos, gritos e lágrimas etc. Estes gestos não são apenas rituais, mas sim expressões tangíveis da fé, consideradas como o espaço privilegiado para compreender a religião como uma realidade viva e autêntica.

Além disso, ao discorrer sobre a Hermenêutica Pentecostal, é imprescindível abordar uma doutrina fundamental: o Batismo no Espírito Santo. Embora no contexto pentecostal haja uma ênfase na manifestação primordial deste batismo através do fenômeno da glossolalia, ou "falar em línguas espirituais", é importante ressaltar que o batismo no Espírito Santo vai além desse aspecto. Ele é concebido como um revestimento de poder concedido para o testemunho público do evangelho. “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1:8, Bíblia).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão do pentecostalismo entre as camadas marginalizadas da sociedade brasileira evidencia o papel crucial desta corrente religiosa na oferta de esperança. Ao observar o cenário religioso no Brasil, nota-se um aumento significativo na adesão ao pentecostalismo, o que torna fundamental a investigação de seus pressupostos e o contexto de seu impacto social e espiritual.

A hermenêutica pentecostal revela uma abordagem teológica distintiva, enfatizando a centralidade da experiência espiritual, a autoridade das Escrituras e a atuação do Espírito Santo na interpretação dos textos sagrados. Essa abordagem ressalta a importância da vivência pessoal e da conexão direta com o divino, contrastando com perspectivas mais racionalistas da interpretação bíblica.

Simultaneamente, a hermenêutica pentecostal fortalece uma compreensão sofisticada da espiritualidade, que transcende abordagens estritamente intelectuais. A ênfase na experiência espiritual não diminui a importância da reflexão teológica, mas a enriquece, integrando a dimensão intelectual à dimensão vivencial da fé. Assim, a hermenêutica pentecostal oferece

uma abordagem holística que promove uma compreensão mais profunda e significativa da Palavra de Deus, capacitando os crentes a viverem uma fé autêntica e transformadora no seu dia a dia.

Essa conexão direta com o Sagrado e a experiência espiritual profunda proporcionadas pelo pentecostalismo não apenas acolhem os oprimidos, mas também lhes conferem uma voz e um sentido de pertencimento e valor. Dessa forma, o pentecostalismo desempenha um papel vital na transformação de vidas, oferecendo uma perspectiva digna e esperança para aqueles que estão à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANÉAS, André. *Novos fenômenos evangélicos: hermenêutica pentecostal*. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/12498> Acesso em: 17/08/23
- ADRIANO FILHO, José. *Estética da recepção e hermenêutica bíblica*. NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, p. 165-190, p. 176.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- _____. *O Enigma da Religião*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CUNHA, Magali. *Evangélicos na Política Brasileira*. 1. ed. São Paulo: Editora Almedina, 2022.
- FRESTON, Paul. *Breve História do Pentecostalismo Brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2.ed.Petrópolis: Vozes, 1994.
- GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995 p. 194
- GANEM, Cássia Maria Senna. Estado Laico e Direitos Fundamentais. In: Senado Federal. *Constituição de 1988: O Brasil 20 anos depois. Os Alicerces da Redemocratização*, vol. I, 2008. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-i-constituicao-de-1988/principios-e-direitos-fundamentais-estado-laico-e-direitos-fundamentais>. Acesso em: 25 de março de 2024
- JOHNS, Jackie David. *Pentecostalism and The Postmodern Worldview*. *Pneuma: Journal Pentecostal of Theology* 17.1 (1995), p – 73 – 93

MESQUIATI DE OLIVEIRA, David; TERRA, Kenner. *Experiência e hermenêutica pentecostal: Reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

NEL, Marius. *Attempting to define a Pentecostal Hermeneutics*, In: *Scriptura*, 114, 2015.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A Religião Mais Negra do Brasil*. Viçosa: Ultimato, 2018

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009

PIERUCCI, Antonio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: 34, 2003.

SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade bíblica e experiência no Espírito: A contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Thomas Nelson Brasil, 2020.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam* São Paulo: Geração Editorial, 2020.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004